

Tradução dos aforismos 125 e 347 de *A Gaia Ciência*

Translation of the aphorisms 125 and 347 of The Gay Science

Tradutor: **João Paulo Simões Vilas Bôas**¹

§125

O homem louco. — Não ouviram falar daquele homem louco que numa clara manhã acendeu uma lanterna, correu até o mercado e gritou incessantemente: “Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!” — Como lá estavam muitos daqueles que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse outro. Ou então ele se mantém escondido? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? — assim eles gritavam e riam uns para os outros. O homem louco saltou no meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “eu lhes direi! *Nós o matamos*, — vocês e eu! Todos nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? Que fizemos nós, quando desacorrentamos esta Terra do seu Sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Há ainda um ‘acima’ e um ‘abaixo’? Não erramos como que através de um nada infinito? O espaço vazio não nos sopra a pele? Não ficou mais frio? Não nos vem a noite continuamente? Não precisam as lanternas serem acesas de manhã? Ainda não ouvimos nada do barulho dos coveiros que enterram Deus? Ainda não sentimos nada do cheiro da putrefação divina? — também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus permanece morto! E nós o matamos! Como nos consolaremos, nós, assassinos entre os assassinos? Aquilo de mais poderoso e mais sagrado que o mundo tinha até então sangrou sob os nossos punhais — quem nos limpará deste sangue? Com que águas poderíamos nos purificar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos que inventar? Não é a grandeza desse crime grande demais para nós? Não precisaremos nós próprios nos tornar deuses, para ao menos parecer merecedores dele? Nunca houve um crime maior — e apenas quem nascer depois de nós pertencerá, por esse crime, a uma história mais elevada que toda a história até então!” Aqui calou o homem louco, e observou novamente seus ouvintes: também eles calaram e olharam para ele com estranheza. Por fim ele jogou sua lanterna no chão e ela se estilhaçou em pedaços e se apagou. “Eu venho cedo demais”, disse ele então, “não é ainda meu tempo. Esse evento enorme ainda está a caminho e vagueia, — ele ainda não chegou até os ouvidos dos homens. Raio e Trovão precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, crimes precisam de tempo, mesmo depois que foram feitos, para serem vistos e ouvidos. Esse crime ainda está mais distante deles do que o astro mais distante — *e no entanto*

¹ Doutor em filosofia pela Unicamp (2016), professor adjunto do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins e docente do programa de mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO), núcleo UFT. Palmas, TO, Brasil. E-mail: jpsvb@uft.edu.br.

eles próprios o cometeram!” — Conta-se ainda que o homem louco, no mesmo dia, invadiria diversas igrejas e lá entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Conduzido para fora e interrogado, ele sempre respondia isso: “Que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?”

§347

Os crentes e sua necessidade de crença. — O quanto alguém necessita de crença para prosperar, o quanto de “firme” que ele não quer ver sacudido, pois nele se *apoiar* — é um grau de medida de sua força (ou, falando mais claramente, de sua fraqueza). Parece-me que mesmo hoje na velha Europa, a maioria das pessoas ainda necessita do cristianismo: por isso ele continua a ser objeto de crença. Pois assim é o homem: um artigo de fé poderia lhe ser refutado mil vezes — desde que tivesse necessidade dele, sempre voltaria a tê-lo por “verdadeiro”, — conforme aquela célebre “prova de força” da qual a Bíblia fala.² Alguns ainda precisam da metafísica; mas também aquela impetuosa *exigência de certeza*, que hoje se descarrega de modo científico-positivista por grande número de pessoas, a exigência de *querer* incondicionalmente ter algo firme (enquanto que, devido ao ardor desta exigência, toma-se a fundamentação da segurança com ligeireza e negligência): também isso ainda é a exigência de apoio, de suporte, em suma, aquele *instinto de fraqueza*, o qual, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo, mas — conserva-as. De fato, todos esses sistemas positivistas exalam em torno de si o vapor de um determinado obscurecimento pessimista, algo de cansaço, fatalismo, decepção, temor ante uma nova decepção — ou então raiva manifesta, mau humor, anarquismo indignado e o que mais houver de sintomas ou mascaradas do sentimento de fraqueza. Mesmo a veemência com que nossos contemporâneos mais brilhantes se perdem em pobres cantos e redutos, na patriotice, por exemplo (é assim que chamo ao que na França se denomina *chauvinisme* [chauvinismo] e, na Alemanha, “alemão”), ou em estreitas profissões de fé estética conforme o tipo do naturalismo parisiense (que destaca e desnuda da natureza somente a parte que produz ao mesmo tempo nojo e assombro — hoje gostam de chamar esta parte *la vérité vraie* [a verdadeira verdade] —), ou no niilismo segundo o padrão de São Petesburgo (isto é, na *crença na descrença*, até chegar ao martírio por ela), sempre mostra, antes de tudo, a *necessidade* de crença, apoio, espinha dorsal, amparo... A crença sempre é mais procurada, mais urgentemente necessitada onde falta a vontade: pois é a vontade, enquanto afeto de comando, o emblema decisivo de autodomínio e força. Isto é, quanto menos alguém saiba comandar, tanto mais urgentemente ele procura por alguém que comande, que comande rigidamente — por um Deus, príncipe, classe, médico, confessor, dogma, consciência partidária. De onde talvez se inferiria que ambas as religiões mundiais, o budismo e o cristianismo, poderiam ter a causa de seu surgimento, sobretudo de sua repentina propagação, num monstruoso *adoecimento da vontade*. E assim foi na verdade: ambas as religiões se depararam com a exigência por um “tu deves”, alçada até o absurdo pelo adoecimento da

² A expressão original é “*Beweise der Kraft*”, com a qual Nietzsche refere-se a um trecho da primeira carta de Paulo aos Coríntios 2.4-5 “Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.” (Citado conforme a tradução da BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Nova versão internacional. Trad. Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Geográfica, 2001, p. 1423).

vontade e indo até o desespero; ambas as religiões foram professoras do fanatismo em tempos de afrouxamento da vontade e, com isso, ofereceram para incontáveis pessoas um apoio, uma nova possibilidade de querer, um deleite no querer. Pois o fanatismo é a única "força de vontade" para a qual também os fracos e inseguros podem ser conduzidos, como uma espécie de hipnotização de todo o sistema sensório-intelectual em favor de uma abundante nutrição (hipertrofia) de um único ponto de vista e de um único sentimento, o qual domina a partir de então — o cristão o denomina sua *crença*. Quando uma pessoa chega à convicção fundamental de que *precisa* ser comandada, ela torna-se "crente"; inversamente seria concebível um prazer e força na autodeterminação, uma *liberdade* da vontade, pela qual um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, treinado, como ele é, em ser capaz de se apoiar sobre tênues cordas e possibilidades e até mesmo em dançar à beira de abismos. Um tal espírito seria o *espírito livre par excellence*.